

## **Duque de Caxias e os aspectos identitários: as representações da cidade na poética de Barboza Leite**

*Tania Maria da Silva Amaro de Almeida<sup>1</sup>*

*Idemburgo Frazão Félix<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente artigo objetiva discutir as questões identitárias na relação com a História e Literatura, buscando explicitar o processo de representação da historicidade e dos registros de memória através dos escritos de Francisco Barboza Leite, para pensar a cidade e suas personagens como um convite para a reflexão sobre o passado. Nessa perspectiva, aproximaremos a Literatura e a História, apresentando as contribuições da primeira como fonte para os estudos de História Local e Regional. Ao analisar as produções literárias sobre o município de Duque de Caxias, cruzando as leituras e suas interpretações, poderemos perceber a complexidade das concepções esboçadas por autores que escreveram sobre a sua própria contemporaneidade.

**PALAVRAS CHAVE:** Representações – Cidade – Duque de Caxias

**ABSTRACT:** This article aims to discuss issues of identity in relation to history and literature, trying to explain the process of representation of historical records and memory through the writings of Francisco Barboza Leite, to think the city and its character as an invitation to reflection on the past. From this perspective, will approach literature and history, featuring the contributions of the first as a source for studies of Local and Regional History. By analyzing the literary productions of the municipality of Duque de Caxias, crossing the readings and their interpretations, we realize the complexity of the concepts outlined by the authors who wrote about his own contemporaneity.

**KEYWORDS:** Representations - City - Duque de Caxias

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós Graduação e Letras e Ciências Humanas da Unigranrio

<sup>2</sup> Professor Dr. Adjunto do Programa de Pós Graduação e Letras e Ciências Humanas da Unigranrio

## **Apresentação**

O tema abordado neste artigo é a cidade de Duque de Caxias nas representações literárias (1950-1980), cujo objeto são as representações sobre a cidade na obra literária de Barboza Leite. O objetivo mais amplo desta investigação contempla a intersecção das relações entre o texto literário e o processo histórico. Seu pano de fundo traduz-se pela problematização da ficção literária, da crônica e da poesia e pela análise das representações assinaladas na obra literária de Francisco Barboza Leite. Como resultado, nosso interesse é explorar as produções enquanto potência documental, testemunho de uma época historicamente determinada sobre a cidade de Duque de Caxias.

O que buscamos com esse estudo, é uma maneira de ter acesso à cidade a partir do que chamamos “visões literárias”, ou seja, dos autores que dela falam, (re)criando o espaço urbano e a dinâmica da vida cotidiana. Duque de Caxias não é um lugar desprovido de História, mas moldado pela ação dos diferentes sujeitos históricos.

Ao se pensar as vias de aproximação entre a História e a Literatura, é possível ao historiador participar da investigação daquilo que motivou o produtor da narrativa a fazê-la, quais memórias do tempo estão presentes ali e como o artista da palavra (no caso aqui destacado, Barboza Leite a reconstruiu em termos estéticos). Assim, o historiador facilmente poderá entender a literatura como um convite para a reflexão sobre o passado. Segundo Sandra Jatahy Pesavento,

História e memória partilham uma mesma feição de ser: são ambas narrativas, formas de dizer o mundo, de olhar o real. São discursos, pois. Falas que discorrem, descrevem, explicam, interpretam, atribuem significados à realidade. Como narrativas sobre algo, são representações, ou seja, são discursos que se colocam no lugar da coisa acontecida. Correspondem a elaborações mentais que expressam o mundo do vivido e que mesmo se substituem a ele. Mais do que isto, história e memória são discursos portadores de imagens, que dão a ver aquilo que dizem através da escrita ou da fala. Nesta medida, são, ambos, presentificação de uma ausência, atributo de toda a representação que, em essência, é um “estar no lugar de”. (PESAVENTO, 2006 c, p.2).

História e Literatura, cada uma de acordo com suas abordagens, tem como seu produto uma narrativa. As duas narram, recontam, problematizam de acordo com quem escreve e, possivelmente, com as utilizações da memória, sendo cada narrativa uma visão de mundo diferenciada, marcada pela interlocução. Ainda segundo Pesavento,

por vezes, esta aproximação da história com a literatura tem um sabor de *dejà vu*, dando a impressão de que tudo o que se apregoa como novo já foi dito e de que se está “reinventando a roda”. A sociologia da literatura desde há muitos anos circunscrevia o texto ficcional no seu tempo, compondo o quadro histórico no qual o autor vivera e escrevera sua obra. A história, por seu lado, enriquecia por vezes seu campo de análise com uma dimensão “cultural”, na qual a narrativa literária era ilustrativa de sua época. Neste caso, a literatura cumpria face à história um papel de descontração, de leveza, de evasão, “quase” na trilha da concepção beletrista de ser um *sorriso da sociedade...* (PESAVENTO, 2006 a, p. 2).

Assim, o objetivo central do presente artigo é pensar, a partir das fontes literárias, sobre a região da Baixada Fluminense e, principalmente, do município de Duque de Caxias, as concepções de cidade esboçadas pelo poeta que escreveu sobre a sua própria contemporaneidade, sem esquecer das peculiaridades da criação literária, fundadas nas figurações da ficção.

### O poeta

O autor escolhido para este estudo é Francisco Barboza Leite, reconhecido como um artista múltiplo. Vindo do Ceará, atuou como artista plástico, poeta, escritor, jornalista, ensaísta, cenógrafo, ator e compositor. Era amigo de Solano Trindade, com quem trabalhava no IBGE e que o trouxe para Duque de Caxias nos anos 1950, onde passou a coordenar a Escolinha de Arte da Fundação Álvaro Alberto, antiga da Escola Regional de Meriti, mais conhecida como “Mate com Angu”. No período em que participava da Orquestra Sinfônica de Duque de Caxias, Barboza Leite compôs a canção “Exaltação à Cidade de Duque de Caxias”, que se tornaria, mais tarde, o Hino Oficial da cidade. Ajudou a organizar “a mais importante exposição de Artes Plásticas já realizada em Duque de Caxias, tal a envergadura de seus participantes: Antônio Bandeira, Goeldi, Bruno Giordi, Inimá, Barrica, Ana Leticia (sua ex-aluna na Associação Brasileira de Desenho) e Iberê Camargo, entre outros”. (CARDOSO, 2002, p. 14)

No ano de 1967, colaborou com Laís Costa Velho na criação do Teatro Municipal Armando Melo, o primeiro teatro da cidade. Foi de Barboza Leite o anteprojeto para a criação do Centro de Arte e Cultura, apresentado à Prefeitura Municipal de Duque de Caxias e que, no entanto, não saiu do papel. Militante da cultura sem posicionamento político-partidário, o que lhe rendeu a marca, dada por amigos, de

humanista ou progressista, mantinha um ateliê de pintura na cidade do Rio de Janeiro, incentivando vários artistas locais a se apresentarem na capital, de onde arrebanhou vários para expor em Duque de Caxias.

Articulista nos periódicos locais, Barboza foi um dos idealizadores dos jornais Grupo e Tópico. Organizou salões de arte e pintura, criou jornais e revistas que tinham como eixo a cultura local; publicou vários livros e produziu filmes em super 8, implantando a Primeira Feira de Artes de Duque de Caxias e colaborando na criação do Conselho Municipal de Cultura, o qual presidiu por dois anos. Escreveu peças teatrais, dirigiu outras e atuou também como ator e contra-regra. Ocupou o conselho municipal de cultura e negava-se a participar da Academia Duquecaxiense de Letras e Artes. Recebeu o título de Cidadão Duquecaxiense e a Comenda do Mérito Duque de Caxias, entre outras distinções.

Nos anos oitenta, Barboza Leite integrou o grupo Arte e Comunicação (ARCO) e, em 1991, participou da elaboração da proposta de criação da Secretaria de Cultura de Duque de Caxias e desenvolveu diversos projetos culturais desenvolvidos pela nova secretaria, entre eles os Salões de Artes Plásticas, a Feira do Folclore Nordestino, a edição do livro *Viagem pela Poesia*, abrangendo a produção poética da cidade de Duque de Caxias no período de 1940 a 1990, coletando assim poemas de 103 poetas radicados na cidade. A culminância desse trabalho empreendido aconteceu em julho de 1992, quando foi criada, através da Lei Municipal n.º 1129, a Escola de Artes da Secretaria de Cultura de Duque de Caxias, que teve Barbosa Leite como seu primeiro Diretor.

Esse artista eclético escreveu diversos livros de poesias, contos e crônicas, entre eles *Contrastes e Confrontos*, *O Chão de Caminhos*, *Ânfora de Enigmas*, *Os Espaços Abertos*, *Entre o sol e a Solidão*, *A Distância Infinita*. Além de cordéis como *A grande Feira de Duque de Caxias* e *A verdadeira História da cidade de Duque de Caxias*, produziu livreto de contexto histórico livre em prosa lírica, intitulado *Trilhas, Roteiros e Legendas de uma Cidade Chamada Duque de Caxias*. Também, junto com Rogério Torres, elaborou *Duque de Caxias. Foto Poética*.

Nesta produção acerca do município, Barboza Leite demonstra claramente seu apreço pela cidade que o acolheu e onde será homenageado a partir de 14 de dezembro

de 2005, através da Lei nº 1926, quando a sua data natalícia – 20 de março -, tornou-se o Dia Municipal da Cultura.

Neste sentido, o trabalho se propõe a analisar as representações da cidade explicitadas nas obras desses dois autores, de forma a identificar e discutir as questões em jogo numa determinada temporalidade, ao expressar formas diversas de pensar, sentir, imaginar, representar. (PESAVENTO, 2006 b. p. 22-23)

### **O *locus* sob a visão do poeta**

Na obra *Trilhas, Roteiros e Legendas de uma cidade chamada Duque de Caxias*, Francisco Barboza Leite, em seus poemas, descreve o processo de constituição, desenvolvimento e transformações da cidade de Duque de Caxias.

No primeiro poema da obra, intitulado *A Gênese*, Barboza Leite assume o papel descritivo do processo de criação do território, revelando através dos olhos surpresos do migrante o meio físico, a geografia de uma terra exótica. É o poeta e profeta descrevendo o processo de construção do paraíso, tal qual a *Gênese* bíblica. Leite ressalta a beleza local como se, a cada frase, as montanhas, vales, morros e caminhos fossem sendo criados. Ao assumir sua *poiesis*, sua atividade de criar, o poeta relata, através da imagem criativa, sua visão do território, do surgimento da Baixada Fluminense e de Duque de Caxias.

No verso “E eis que entre montanhas elevadas, o vale se abre numa expansão dominada por colinas que a planície acolhe em seu regaço”, nota-se a partir da análise da postura do eu-poemático, que o mesmo parece estar admirado ante a natureza que se impõe ao olhar do migrante. Embora não se deva confundir o eu poemático (aquele que age no texto poético) pode-se afirmar, que assim como Barboza Lima, tal “agente” do poema também um migrante submetido ao novo meio físico, como se visse surgir, ao escrever, o vale entre as montanhas. Percebe-se quase uma surpresa nos referidos versos.

No texto *A escuta da linguagem como “ato poiético”*, Homero Vettorazzo Filho cita Pierre Fédida, que “ao tratar das semelhanças entre o analista em seu ofício e o poeta, diz que o último deixa os desenhos das coisas se recolherem na escritura das palavras ao sair do sono em que a fala cotidiana da língua as mantém”. E Fédida acrescenta:

É verdade que o poema não é um sonho, mas a sensoriedade das imagens visuais das quais este é feito constitui o tom e o estilo da fala do poema antes de se fundar em ato poético. A visibilidade das coisas é menos da ordem da imagem do que da impressão e da escritura, e até mesmo da pura coloração. Ela é produzida por transferência das qualidades sensíveis que a fala torna possível através daquilo que escuta de si própria. (FÉDIDA in FILHO, p.45)

Barboza Leite, expressa a partir do eu-lírico, que saiu do sono da fala cotidiana e deixou o desenho da criação de seu Éden recolher-se em sua escritura. A chuva e o vento embalam as cantigas que ninavam o vale, como se esse desse seu primeiro choro. O vagido, o choro do recém nascido território são vislumbrados no poema. E para o poeta, tal terra tinha sua finalidade: abrigar o forasteiro. Diferente do Éden bíblico, o paraíso que nascia ante o olhar atento do poeta não abrigaria seres criados ali. Abrigaria os forasteiros, os que viriam de longe para tomar posse da terra prometida.

Em sua obra, que citamos como referência, Stuart Hall utiliza a familiaridade do conceito de diáspora entre os povos do Caribe, que utilizam o êxodo do Velho Testamento bíblico como narrativa e esperança de libertação, esperança e redenção.

Para Hall, tal história representa uma esperança de restauração para os povos do Caribe. Segundo o autor, a concepção de tal identidade cultural liga o passado, presente e futuro em um universo atemporal, constitutivo de uma tradição que põe à prova a fidelidade dos povos à sua origem e autenticidade e gera um mito, que molda imaginários, influencia ações e dá significado a vidas e à história (HALL, 2011, p.29).

Na obra de Barboza Leite, percebemos a descrição da busca por uma terra prometida. O eu-lírico afirma, sobre o forasteiro que:

Ele vinha de ingratos caminhos como formiga sacudida de inermes cavernas solapadas pelos gumes de um sol que endurecera o chão de seus passos primitivos repartindo e ampliando por todos os cantos a sua desdita. (BARBOZA LEITE, 1986, p. 1)

A obra de Hall, embora relate uma experiência da diáspora entre os povos do Caribe, cabe no olhar atento do poeta de Caxias sobre o migrante, o forasteiro.

Com base nos estudos de Hall sobre as identidades caribenhas diaspóricas, percebemos que o autor analisa mitos de origem, bem como suas necessidades e perigos que levam a uma impureza cultural no momento em que um novo elemento entra em determinado mundo, impossibilitando a consolidação de uma posição final. A proposta

de um afastamento dos extremos causados pelo individualismo liberal e relativismo cultural em uma análise de mudanças culturais e políticas na Grã-Bretanha, podem servir como base para estudos e compreensão da política cultural e as transformações no discurso identitário no Brasil. O elemento crítico, segundo o autor, é diáspórico (SOVIK in HALL, 2011, p.18-19).

Barboza Leite está vivenciando o momento de chegada do estrangeiro ao que o eu-lírico entende como paraíso. O forasteiro que vai ser o elemento novo no mundo recém criado na imagem do poeta. De acordo com o poeta, o forasteiro começa a modificar, a moldar o vale recém surgido. Os forasteiros desfazem suas mochilas, empunham suas enxadas e insurgem-se em novos desafios, ideias e anseios. Segundo Barboza Leite, nesse momento, criam-se laços entre os forasteiros e a terra recém criada. É, de acordo com o que expressa o eu-poemático “(...) um novo laço projetando trajetórias que o futuro requeria.” (BARBOZA LEITE, 1986, p. 1)

A diáspora, segundo Hall, lança luz sobre a complexidade de imaginação da nação e da sua identidade, pois a arte e culturas produzidas pelos povos produzem um sujeito imaginado que é, constantemente, posto à prova, pois há a necessidade de imaginá-lo em sua relação com sua origem e seu pertencimento. As identidades diaspóricas, de acordo com o autor, multiplicam-se (HALL, 2011, p.26-27).

Podemos perceber nos versos de Barboza Leite essa dualidade identitária dos forasteiros quando o poeta escreve:

Ao clima estranho adaptou-se e afeiçoou-se aos hábitos encontrados permutando-se nas crendices, na submissão aos segredos que os seus olhos descobriam na terra amena, mas ainda selvagem, onde se instalava. (BARBOZA LEITE, 1986, p. 1)

Continuando a sua narrativa da gênese, o poeta Barboza Leite parece descrever a sensação de felicidade da terra ao receber seus moradores, mas também, relata de forma poética os perigos escondidos na nova terra, capazes de surgir caso os forasteiros fizessem mau uso delas. São as águas paradas, a febre, a sentença de vida ou morte escondida entre as tábuas. O paraíso ofereceria a recompensa ou a punição aos seus novos moradores.

O sol repartia-se em brilhos na planície de rios soltos, de várzeas úmidas, brejos extensos, águas paradas onde as febres se aninhavam na aparência tentadora dos remansos, no discurso das chalupas

traçando itinerários, conduzindo as vontades, removendo a vida ou a morte entre suas tábuas. (BARBOZA LEITE, 1986, p. 2)

Os novos filhos da terra, recém surgida, estavam construindo seu futuro. Fincavam seus pés no lodo e abriam novos caminhos. Aterravam brejos, expandiam clareiras e cimentavam seus futuros (BARBOZA LEITE, 1986, p. 2). Os forasteiros, então com a perspectiva de pertencimento estavam criando uma nova identidade. A identidade cultural, segundo Hall, traz em si os traços da “unidade essencial, unicidade primordial, indivisibilidade e mesmice”, dificultando a percepção da identidade, da diferença e do pertencimento após a experiência da diáspora. (HALL, 2011, p.28)

A cultura, de acordo com Hall, é produzida dependendo do conhecimento que se tem da tradição. Segundo o autor, o uso que fazemos das nossas tradições nos capacita para a reconstrução de nós mesmos como novos tipos de sujeitos, pois estamos em permanente processo de formação cultural (HALL, 2011, p.43).

De acordo com o poeta, os migrantes repartiram e ocuparam as terras, acelerando sua ocupação. Eram “O Fato e o Ato e a Lei...” que se irmanavam requerendo a posse e o direito da terra, instaurando uma nova vigência (BARBOZA LEITE, 1986, p. 2). Barboza Leite fez questão de sinalizar as palavras em destaque como forma de representação da universalização da palavra, para dar-lhes maior importância, pois identifica o início de um processo de luta pela ocupação do território.

Como o paraíso edênico foi maculado pela desobediência, a terra surgida virgem e imaculada sob o olhar atento do poeta iniciaria um processo desencadeado pela cobiça de seus novos filhos.

O Fato é que os forasteiros chegaram à nova terra, nascida entre as montanhas, tendo como testemunha os olhos e a pena do poeta. Esses forasteiros em sua diáspora, vindos de diversos cantos constituíram e foram constituídos, formaram e foram formados, num processo de troca, subvertendo os moldes culturais tradicionais. A perspectiva diaspórica da cultura, segundo Hall, precisa ser analisada sob a perspectiva de elemento subversivo dos moldes culturais tradicionais (HALL, 2011, p.36). Esses migrantes foram moldados na esperança de um futuro melhor em sua terra prometida. O Ato é a própria construção da identidade, as trocas culturais, a modificação do espaço. São as ações que modificaram o meio e os homens.

A Lei “é um conjunto de normas que os singulares estabelecem para regular suas recíprocas relações” (BOBBIO, 1987, p. 18). Barboza Leite descreve esse processo de luta pelo “pedaço de chão” em seu segundo poema *O Corpo*. O eu-lírico revela que “A Lei era a do mato no contrato inconsciente...” e “a decisão pronta na ponta do terçado ou do trabuco” (BARBOZA LEITE, 1986, p. 5). Segundo o poema de Barboza Leite, esses homens vindos de diversos cantos lutaram para conseguir alcançar o sonho de ter posse nessa terra, lutaram contra o meio, contra outros homens e contra si mesmos. O poeta diz que a Baixada recebia esse homem, o migrante, para seu novo plantio (BARBOZA LEITE, 1986, p. 5). “Ele veio, plantador que era, para intentar sementeiras improváveis. E ficou. E semeou. E cultivou. E recolhe, agora, os seus frutos.” (BARBOZA LEITE, 1986, p. 5)

Esse migrante que chega para o plantio de uma nova Baixada, sob a ótica de Hall, percorre o caminho da diáspora, passando pela trajetória de um povo moderno que está inserido em um jogo de semelhanças e diferenças e que se desassocia de modelos unitários e homogêneos de pertencimento cultural (HALL, 2011, p.45).

De acordo com o poema *O Corpo*, de Barboza Leite, os migrantes enfrentavam um caminho penoso até chegarem a região. Os caminhos eram transpostos utilizando como meio de transporte o “pau-de-arara” e os “vagões velozes” dos trens, disputando um lugar nestes e sendo comparados pelo poeta a bichos enjaulados. (...) “como bichos enjaulados nos vagões velozes, alheados aéreos tangidos esquecidos numa evasão imerecida de lares desfeitos, de convívio lacerado e morte lenta”. (BARBOZA LEITE, 1986, p. 3)

Braz e Almeida (2010) descrevem o papel fundamental da ampliação da rede ferroviária no assentamento desses migrantes em bairros que se formavam no entorno das estações. A malha ferroviária, segundo os autores, proporcionava aos migrantes a oportunidade de se instalarem nesses novos núcleos urbanos e também a facilidade de locomoção para o Rio de Janeiro. Para Braz e Almeida o sistema ferroviário viabilizava o deslocamento de homens e mulheres em direção à cidade do Rio de Janeiro e possibilitavam seu assentamento em espaços fora da capital, mas com acesso facilitado por meio dos trens (BRAZ e ALMEIDA, 2010, p. 43-44).

Esses milhares que chegaram e multiplicaram-se no território deram, segundo Barboza Leite, origem a ruas, bairros, vilas e cidades. O poeta relata um processo de construção que vai das taipas à alvenaria e cimento que aos poucos vão dando vida, constituindo lugares, repartindo a terra e dando novos nomes. O migrante passa a ser o cidadão e do seu esforço passou a ser visto como construtor de um novo mundo. Estes homens e mulheres acharam seu lugar, seu pedaço de chão na terra prometida e moldaram-na para ser chamada de lar, porém esse processo de instalação foi constituído de muitas lutas no dia-a-dia desse povo.

De acordo com Braz e Almeida, as situações que os homens e mulheres, esses migrantes e suas famílias enfrentaram foram muito difíceis. Encontraram condições precárias em um ambiente que estava em processo de transição do rural para o urbano com bairros que pouca ou nenhuma estrutura ofereciam. Coube, segundo os autores, aos recém instalados a construção de estratégias para garantirem sua fixação e sobrevivência na região (BRAZ e ALMEIDA, 2010, p. 85). Para se instalarem em modestos lotes os moradores, conforme relatam Braz e Almeida, enfrentavam o desafio de adquiri-lo, com intenso sacrifício e submetendo-se a condições de compra fixadas pelas companhias imobiliárias (BRAZ e ALMEIDA, 2010, p. 88).

Na obra *Tempos de Ginásio*, Stélio Lacerda escreve que os jornais cariocas, a exemplo dos jornais *Luta Democrática* e do *O Dia*, passavam a imagem da cidade de Duque de Caxias, nos anos 1950 e 1960, como uma terra de faroeste, com índices elevados de criminalidade, porém, ainda com feições interioranas. Para Lacerda, bairros populares e favelas formaram-se na Baixada absorvendo parte do fluxo migratório que se destinava à cidade do Rio de Janeiro. Lacerda identifica um acelerado crescimento populacional, o que gerava uma desordenada ocupação do solo, sob a complacência do poder público (LACERDA, 2010, p. 11-12).

Evidencia-se na obra de Barboza Leite que o poeta tem consciência dos problemas a ser enfrentados pelos forasteiros na construção da identidade e história desse território, mas que como testemunha que se tornou através da gênese poética, percebe a nova terra com o olhar sensível. Como escreve Fédida, “tornar visível é atribuir sensação, sensorialidade, ao visual desfascinado da vista” (FÉDIDA in FILHO, p.45) e o poeta Barboza Leite consegue atribuir tamanho sentimento à sua obra, que a torna visível a todos que buscam conhecer a história de nossa região.

Nessa perspectiva, pensamos que ao cruzar as leituras e interpretações, poderemos perceber a complexidade de uma cidade que, inserida na região da Baixada, tenta construir suas próprias interpretações.

Ao reconhecer o município de Duque de Caxias como espaço de múltiplas identidades, consideramos as mesmas essenciais para o entendimento da nossa própria história, proporcionando condições de reconhecimento do homem caxiense como sujeito do seu fazer. Assim, ao analisar os usos feitos pelo homem caxiense e suas interpretações do seu próprio território ao longo do processo histórico, estaremos oportunizando condições para que esse mesmo homem se reconheça como sujeito histórico, permitindo a leitura crítica do mundo vivido.

Portanto, ao estudar as relações da história e dos olhares da produção literária sobre a região, desdobrando de que forma o autores enxergam a sua cidade, imaginamos construir explicações que nos permitam ampliar o conhecimento sobre o passado, de forma que tenhamos novas concepções para as relações sociais de nosso presente, em região tão carente de estímulo à análise da sua formação social, cultural, política e econômica.

### **Referências bibliográficas**

BARBOZA LEITE, Francisco. **Trilhas, Roteiros e Legendas de uma cidade chamada Duque de Caxias**. Duque de Caxias: Papelaria Itatiaia Ltda, 1986.

BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria Amaro de. **De Merity a Duque de Caxias: Encontro com a História da Cidade**. Duque de Caxias, RJ: APPH-Clio, 2010.

BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade, para uma teoria geral da política**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CARDOSO, Josué. Eles fizeram a História. **Sessão "Memória Viva". Revista da Cultura Caxiense, edição nº 4, de Dezembro de 2002, editada pela Secretaria de Cultura de Duque de Caxias**. Disponível em [http://pedacosdanossahistoria.blogspot.com/2006\\_03\\_12\\_archive.html](http://pedacosdanossahistoria.blogspot.com/2006_03_12_archive.html). Acessado em 19 de outubro de 2010.

HALL, Stuart. *Controvérsias. Parte I*. In: **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

LACERDA, Stélio. **Tempos de Ginásio**. Rio de Janeiro: Edições Lorena, 2010.

Pierre Fédida in FILHO, Homero Vettorazzo. *A escuta da linguagem como "ato poético"*. **Revista Arte e Psicanálise**. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n2/a16v61n2.pdf>. Acessado em 25 de novembro de 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debates, 2006 a. Disponível em: <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acessado em: 05 de outubro de 2010.

\_\_\_\_\_. *História e literatura: uma velha-nova história*. In.: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (org.) *História e literatura: identidades e fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006 b. p. 22-23.

\_\_\_\_\_. *Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado*. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos. Debates, 2006 c. Disponível em : <http://nuevomundo.revues.org/1560>. Acessado em: 05 de outubro de 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e literatura: uma velha-nova história*. In.: COSTA, Cléria Botelho da; MACHADO, Maria Clara Tomaz. (org.) **História e literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: EDUFU, 2006 b. p. 22-23.